

**CEDI**

**Povos Indígenas no Brasil**

Fonte: O Estado de São Paulo

Class.: 978

Data: 20.04.76

Pg.: 23

ESP 20.04.76 p. 23

**No Dia do Índio,  
a Funai procura  
madeira furtada**

Da Sucursal e do  
Correspondente

Enquanto os 1.300 remanescentes kaingangues da reserva indígena de Nonoai — a 461 quilômetros de Porto Alegre — festejavam, ontem, o Dia do Índio e, simultaneamente, o exito da safra de soja (480 hectares, de excelente qualidade e que renderão pelo menos um milhão e 200 mil cruzeiros), policiais e funcionários da Funai preparavam-se para viajar até Santa Catarina, a fim de localizar suspeitos no furto de madeira ocorrido na área daquela reserva.

Até ontem havia poucas informações sobre o furto de madeira da reserva kaingangue, mas soube-se que alguns brancos, com a ajuda de uma influente madeireira catarinense, entraram na área e levaram grandes quantidades de toras, carregadas posteriormente em caminhões. Surgiu, também, a informação de que os ladrões são "gente importante", o que justificaria a extrema cautela manifestada pelos funcionários da Funai que trabalham nas reservas gauchas.

Entretanto, não é o furto que mais preocupa o cacique Alcindo Nascimento, 52 anos, autor da denúncia e líder dos kaingangues. A maior — e mais velha — queixa dos indígenas é a permanência de 800 intrusos na área da reserva, e que já tem provocado grande animosidade entre brancos e in-

dios. Entre as ocorrências mais comuns estão os estragos causados pelos colonos nas plantações indígenas, frequentes espancamentos de meninos índios e violências sexuais contra as índias.

**Dourados**

Em Campo Grande, o padre Thomaz de Aquino Lisboa, vice-presidente do Conselho Indigenista Missionário, afirmou que a entidade poderá adotar medidas e posições enérgicas caso a Funai não esclareça "toda a situação nebulosa" entre os índios terenas e caiuás, do posto indígena de Dourados, em Mato Grosso. O missionário manteve contato demorado, ontem, com Theodardo Leintz, bispo de Dourados, que tornou-se o porta-voz dos caiuás, denunciando uma série de irregularidades que culminou com a suspensão do indigenista Idevar Sardinha, chefe do posto indígena, e a abertura de sindicância para apurar todos os fatos.

O representante do Cimi esclareceu que estava em Mato Grosso "para fazer a mediação neste caso e tentar uma aproximação com a Funai", com o objetivo de esclarecer toda a situação. Segundo o missionário, "existem problemas e eles precisam ser resolvidos com a assistência do Cimi, pois a sindicância feita pela Funai parece ter sido muito superficial, levando-se em consideração que o inquérito já está terminado e o delegado da 9.ª Delegacia Regional insiste em dizer que não há nada de irregular".